



As Verdades do Evangelho

ESCLARECENDO O MUNDO CRISTÃO

E, eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra (Ap 22.12).

QUAIS SÃO AS OBRAS DO CRISTÃO?

Diante do esclarecimento de que a nossa salvação não vem pelas obras, mas sim pela fé, muitos perguntam: “Então o cristão não tem nenhuma obra a realizar?... E se tem, quais são?...”

É muito fácil entender quais são as obras que o cristão (aquele que aceita a salvação pela Graça de Cristo) deve realizar. Pois é só entender que existem dois segmentos de obras:

Primeiro, são as obras da Antiga Aliança, conhecidas como obras da Lei de mandamentos carnis (obras verticais), ou seja, obras da nossa carne (realizadas pela capacidade humana) que seriam oferecidas à Deus em troca da nossa salvação; obras estas que Jesus já cumpriu por nós, cravando-as na Cruz.

Segundo, são as obras da Nova Aliança (obras horizontais), ou seja, as obras feitas uns pelos outros (apenas de humano para humano), as quais são consideradas obras do amor fraternal; essas são fundamentais para o crescimento do Reino de Deus. Contudo, elas não são realizadas pelo rigor da Lei de mandamentos carnis, mas sim pela lei da liberdade, isso é, dentro das possibilidades de Cada um.

As obras fraternais, que são obras da Nova Aliança, são praticadas pelo cristão. São à elas que o apóstolo Paulo se refere quando diz que Jesus Cristo se deu a si mesmo por nós para purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras (*Tt 2.14*). O próprio Jesus também se referiu a elas quando disse: *E o meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra (Ap 22.12)*.

Porém, essas obras são praticadas pela lei da liberdade, isto é, dentro das possibilidades e pelo propósito do coração de cada um, conforme está escrito: *Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade, e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecidiço, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito (Tg 1.25)*. E também: *Assim falai, e assim procedei, como devendo ser julgados pela lei da liberdade (Tg 2.12)*.

As obras verticais, que eram oferecidas a Deus como frutos da nossa justiça em troca da salvação, as quais deveriam chegar diante de Deus como cheiro suave, não são mais recebidas por Deus pelo fato de elas cheirarem mal às Suas narinas; pois elas são feitas para demonstrar a justiça e a perfeição humana (fora da Graça de Cristo); o homem tenta realizá-las nas condições de próprio resgatador de si mesmo. Mas todas essas obras foram cumpridas por Jesus e cravadas na Cruz do Calvário. Por isso todas as obras da nossa carne, oferecidas à Deus, são consideradas obras mortas.

Entre o cristão e Deus só existe um intermediário, que é Jesus Cristo, sem deixar espaço para obras da nossa carne. O cristão deve oferecer a Deus apenas os seus louvores e agradecimentos, por Cristo Jesus, que são os nossos sacrifícios vivos e agradáveis a Deus, os quais se compreendem como nosso culto racional (mental, intelectual, espiritual), e não as obras carnis, conforme esclarece o apóstolo Paulo, quando diz: *Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, **que é o vosso culto racional** (Rm 12.1)*. Esse é o único sacrifício do cristão que sobe em oferecimento à Deus. Por isso é chamado de sacrifício vivo.

Quer fazer a vontade de Deus? Então mande somente os seus louvores e agradecimentos a Ele, e não as obras da sua carne como frutos da sua justiça. As obras da nossa carne cheiram mal diante de Deus. As nossas obras que agradam a Deus são realizadas apenas horizontalmente, isto é, feitas em favor uns dos outros (em favor da própria humanidade). Essas são as obras do cristão aprovadas por Deus na dispensação da Graça. Elas sobem para memória diante de Deus, porém, não são mais oferecidas a Deus, como eram na dispensação da Lei.

Porque a obra não precisa ser oferecida a Deus para subir para memória diante dEle. Pois todas as nossas ações chegam para memória diante de Deus; até o próprio pecado. Por isso a Bíblia diz que todos hão de chegar diante do trono

de Deus para prestar contas de todos os atos praticados, por meio do corpo, ou bem ou mal.

Cornélio, o centurião, com certeza não oferecia as suas esmolas a Deus, contudo, o anjo de Deus declarou a ele: *Cornélio, a tua oração foi ouvida, e as tuas esmolas estão em memória diante de Deus (At 10.31).*

A Lei que condiciona a salvação pelas obras de mandamentos carnis, é nomeada também de: Lei de Moisés; são mandamentos, estatutos e juízos dados por Deus para o povo de Israel, por intermédio de Moisés; Lei esta, recebida no Monte Sinai (Lv 18.5). É uma Lei que exige do ser humano muita capacidade e perfeição para o seu cumprimento. Dentro dessas indispensáveis condições, o homem seria resgatado dos seus pecados pela própria capacidade, sem precisar da Graça de Cristo. Foi para isso que Deus deu a Lei, conforme está escrito:

1º) *Portanto, os meus estatutos e os meus juízos guardareis; os quais, observando-os o homem, viverá por eles (Lv 18.5).*

2º) *E dei-lhes os meus estatutos e lhes mostrei os meus juízos, os quais, cumprindo-os o homem, viverá por eles (Ez 20.11).*

3º) *Ora, Moisés descreve a justiça que é pela lei, dizendo: o homem que fizer estas coisas viverá por elas (Rm 10.5).*

Mas, devido a incapacidade humana, a Lei acabou aumentando ainda mais o pecado do homem e revelando todo o seu estado de miséria diante de Deus, pelo que diz: *Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse (Rm 5.20).*

Isso, evidentemente, porque as obras da Lei não são praticadas pela fé em Cristo, mas sim pela capacidade humana, ou seja, pela força da carne; por isso são chamadas de: obras de mandamentos carnis. “**É a religião de baixo para cima**”. Essa Lei, ao se deparar com a incapacidade humana, acaba gerando o pecado exatamente por falta do seu cumprimento. É quando o pecado toma força contra o ser humano por intermédio da Lei; é o que conferimos na expressão do apóstolo Paulo: *Ora, o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei (1 Co 15.56).*

As obras do cristão, realizadas pela lei da graça ou pela lei da liberdade, conforme relata Tiago (Tg 1.25; 2.12), são bem diferentes das obras de mandamentos carnis. Pelas obras de mandamentos carnis, as quais o homem tenta realizar para ser salvo por elas, a capacidade humana tem que estar à altura da exigência da lei; enquanto na lei da graça que há em Cristo Jesus, a exigência da lei se ajusta à altura da capacidade humana. Por isto é chamada de “**Lei da Graça**”. Por exemplo, em termos de obra social, que é uma obra indispensável para a igreja, porém, se for ditada uma lei na qual cada

membro ajude certo número de necessitados com um determinado valor, não podendo ser menos, isso caracteriza obra de mandamento carnal. Pois é uma condição preestabelecida, que expressa confiança na carne; e pode algum membro não ter condição para isso; e na transgressão dessa determinação, o tal cometerá pecado. Mas, se deixar em liberdade para que cada membro contribua conforme a sua prosperidade, isto é, dentro de sua capacidade, qualquer valor com que alguém venha contribuir, contanto que expresse amor no seu coração, o tal estará agradando a Deus e cumprindo assim a lei da liberdade, em Cristo Jesus, livre de qualquer transgressão e isento da maldição da Lei.

Por esta razão, Deus, pela Sua misericórdia, tirou dos nossos ombros as ordenanças do Antigo Pacto, as quais proporcionavam força ao pecado, para que vivêssemos segundo a Sua Graça; é o resultado da expressão do apóstolo Paulo aos romanos: *Porque onde não há lei também não há transgressão (Rm 4.15)*.

Praticar obras da Lei de mandamentos carnis, como: guarda de sábado, sacrifício de jejum, devolução de dízimo, abstinência de manjares, etc., que são obras oferecidas a Deus, é praticar obras mortas. Paulo, ao demonstrar a inutilidade delas, declara: *As quais têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria, em devoção voluntária, humildade, e em disciplina do corpo, mas não*

são de valor algum senão para a satisfação da carne (Cl 2.23).

Certa feita, perguntaram para Jesus sobre obras desta natureza, dizendo: *Que faremos para executarmos as obras de Deus?* E Jesus, então, deu-lhes a seguinte resposta: *A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou (Jo 6.28-29).*

Portanto, aquele que confia que Jesus completou a Obra de Redenção, não deve repetir o cumprimento de obras de natureza legalista, às quais Ele já consumou por nós.

O verdadeiro cristão acredita plenamente nas palavras poderosas de redenção que Jesus proclamou na Cruz do Calvário ao anunciar o total cumprimento do Velho Concerto (da Lei), dizendo: “ESTÁ CONSUMADO”.

O DOMÍNIO E FORÇA DO PECADO

Para obtermos um melhor esclarecimento concernente a esse “domínio e força do pecado” sobre o ser humano, comecemos analisando os versículos transcritos a seguir:

1º) *Porque o pecado não terá **domínio** sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça (Rm 6.14).*

2º) *Ora, o aguilhão da morte é o pecado, e a **força** do pecado é a lei (1Co 15.56).*

No primeiro versículo, encontramos uma advertência sobre “**o domínio do pecado**”, e no segundo, sobre a “**força do pecado**”; e o que podemos observar é que o pecado toma força e domínio exatamente sobre aqueles que tentam praticar a Lei. Essa Lei que ao se deparar com a incapacidade da carne, gera o pecado tomando força e domínio sobre o ser humano.

Muitos, me fazem a seguinte pergunta: “é a Lei pecado?” E a resposta corretamente dada é: de modo algum! Paulo, ao instruir os romanos sobre a força e o domínio do pecado por intermédio da Lei, é bem claro ao afirmar: *A lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom (Rm 7.12).*

O que Paulo aponta como erro não procede da Lei, mas sim da imperfeição humana. É quando ele declara que a Lei enfermou pela carne (Rm 8.3).

A fragilidade humana não resiste a cobrança de perfeição da Lei. E a Lei só teria condição para salvar se encontrasse perfeição e justiça no ser humano; porém, é

exatamente por falta dessas indispensáveis virtudes que torna impossível a salvação pela Lei.

Paulo revela o fracasso do homem diante da santidade e perfeição da Lei, dizendo: *Porque bem sabemos que a lei é espiritual, mas eu sou carnal, vendido sob o pecado (Rm 7.14).*

Se a Lei realmente encontrasse na carne suas requisitadas qualidades, não seria chamada de “**Ministério da Morte**” e “**Ministério da Condenação**”, como foi no capítulo 3, versículos 7 a 9 da Segunda Epístola de Paulo aos Coríntios, mas sim de “**Ministério da Salvação**”. Porém não havendo em nós as devidas qualidades, a Lei condenou a carne no pecado. Mas Deus, pelas riquezas da Sua Graça, enviou Seu Filho Jesus Cristo, guardando e cumprindo com perfeição a Lei que havia condenado a carne no pecado, e inverteu a situação, condenando o pecado na carne, para que fôssemos livres da força e do domínio do pecado. Isto se não voltarmos a persistir na prática das ordenanças da Lei da condenação, mas vivermos totalmente na Graça de Cristo.

Observemos Romanos 8.1-3, transcritos a seguir:

1) *Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito.*

2) *Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte.*

3) *Porque o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne.*

Esta passagem bíblica é muito lida nas reuniões das igrejas, mas pouco observada como declaração de isenção da **Lei de mandamentos carnisais**, a qual gera o pecado. No versículo 2 (citado acima), Paulo declara: *Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte.* Em parte, é o mesmo que dizer: Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei da circuncisão, do dízimo, do jejum, da guarda do sábado, do uso do véu, etc. Isto, obviamente, porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, ensina a servir a Deus em liberdade de espírito; mas a lei do pecado e da morte, ensina a cumprir obras de mandamentos carnisais.

Na dispensação da Lei, o homem teria que ser perfeito na prática de todas as obras que estavam escritas no Livro da Lei para cumpri-las. Pois a qualquer impossibilidade do seu cumprimento, o pecado estava à porta, dominando o povo de Deus por tal transgressão.

Mas, na dispensação da Graça, Deus tirou este poder do pecado, nos libertando da prática das obras que

estavam escritas no livro da Lei. Por isto, os mandamentos da Nova Aliança determinam apenas a realização de obras fraternais, e ainda conforme as possibilidades de cada um. É exatamente por este motivo que a lei da Graça não causa transgressão.

Deus anulou, para os cristãos, a prática das obras da Lei, para livrar o Seu povo da maldita transgressão: *Todos aqueles, pois, que são das obras da lei estão debaixo da maldição; porque está escrito: maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las (Gl 3.10).*

Essa maldição só recai sobre o povo da Lei, que quer realizar obras exclusivas do Antigo Pacto. Porque, para fugir da transgressão da Lei, só saindo de debaixo dela, conforme nos adverte Paulo na sua Epístola aos Romanos: *Porque onde não há lei também não há transgressão (Rm 4.15).*

Portanto, cristãos, não se prendam debaixo do jugo da servidão, mas vivam totalmente na Graça de Cristo, para obterem o generoso resultado que ela nos oferece: *Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça (Rm 6.14).*

AS OBRAS PELA LEI DA GRAÇA

“Não estamos sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo (1 Co 9.21)”.

Embora o cristão não tenha compromisso com a Lei de mandamentos carnis (o Antigo Pacto), mas ele tem com a lei de Cristo. A lei de Cristo, mesmo sendo chamada de **”Lei da liberdade”** ou **“Lei da fé”**, não dispensa, dentro das possibilidades humanas, as boas obras. O próprio Jesus menciona as obras do cristão ao prometer o Seu galardão, quando diz: *E o meu galardão está comigo para dar a cada um segundo as suas obras (Ap 22.12)*. Tiago é claro ao afirmar: *A fé sem obra é morta (Tg 2.17)*.

Muitos, por falta de interpretação apropriada das Santas Escrituras, julgam que a expressão de Tiago entra em contradição com algumas expressões do apóstolo Paulo, como por exemplo, quando Paulo afirma aos efésios: *Não vem das obras, para que ninguém se glorie (Ef 2.9)*; e aos romanos: *Mas se é pela graça, já não é pelas obras; de outra maneira, a graça já não é graça (Rm 11.6)*.

Mas, o que devemos entender, é que Tiago está fazendo referência às obras da fé (do Novo Concerto), realizadas de forma horizontal, enquanto Paulo está

falando sobre as obras da Lei (do Antigo Concerto), realizadas de forma vertical, isto é, em oferecimento a Deus.

No capítulo 3, versículo 20, de sua epístola aos romanos, podemos claramente entender que Paulo se refere às obras da Lei do Antigo Pacto, quando faz a seguinte declaração: *Por isto nenhuma carne será justificada diante dele pelas **obras da lei**, porque pela lei vem o conhecimento do pecado (Rm 3.20)*. E no versículo 28 do mesmo capítulo, diz: *Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé sem as **obras da lei*** .

Porém, o próprio apóstolo Paulo, quando se refere às obras que são pela fé, admoesta os cristãos, incentivando-os com grande ênfase a realizá-las pela prática da fé e do amor. Ao escrever sua Primeira Epístola a Tito, ele o desperta, dizendo que Jesus Cristo está preparando um povo de boas obras, quando afirma: *O qual se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda iniquidade, e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras (Tt 2.14)*. E na sua Epístola aos Efésios diz: *Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas (Ef 2.10)*.

No Novo Testamento, realmente são excluídas as obras da lei de mandamentos carnavais, mas estabelecidas as obras da lei da liberdade, que operam por amor (Gl

5.6). Esta lei não dispensa as boas obras (as obras fraternais), porém, só as exige de acordo com as possibilidades de cada um.

Se o cristão não pode realizar uma obra, por motivo de força maior, nada lhe é cobrado; mas se pode e não o faz, obviamente que sua espiritualidade está em baixa, por não sentir amor pela obra de Deus. Pois sem dúvida nele não existe o indispensável fruto do Espírito mencionado em Gálatas 5.22, que diz: *Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança.*

Ter possibilidade de fazer o bem e não o fazer é imputado como pecado; conforme está escrito: *Aquele, pois, que sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado (Tg 4.17).*

Concluimos, pois, que a bondade, a fé, a benignidade e o amor com que o verdadeiro cristão é dotado, são companheiros inseparáveis das boas obras.

